Parceiros do futuro

Privilegiando parcerias que tornam a pesquisa mais eficiente e atuante, a Estação de Bebedouro incorpora a modernidade

Luiz Carlos Donádio

Desde 1982, a Estação Experimental de Citricultura de Bebedouro (EECB) vem efetivando convênios de parceria com várias entidades como a Unesp, campus de Jaboticabal, a Prefeitura Municipal de Bebedouro, a Coopercitrus, a Secretaria de Agricultura de São Paulo, o Fundecitrus e a Fapesp, que possibilitaram apoio à sua atuação em pesquisa e extensão em citricultura. A pesquisa está presente em 55 projetos, alguns dos quais utilizados por alunos da FCAV/Unesp para trabalhos de graduação ou pós-graduação.

A Estação prioriza parcerias, principalmente com empresas privadas – atualmente 28. Entidades públicas ou fundações como Fapesp, Esalq, IAC, Instituto Biológico, CNPq, Finep, Funep também colaboram.

A instituição realiza ainda um intensivo trabalho de extensão, representado por reuniões mensais, dias de campo, cursos e seminários internacionais. No ano passado promoveu reuniões técnicas sobre temas de interesse da atividade citrícola , atendeu a citricultores, instalou novos experimentos e deu continuidade aos trabalhos de pesquisa.

Banco de germoplasma

O banco de germoplasma e espécies disponíveis para pesquisa conta com 15.730 plantas cítricas, 397 delas para a produção de sementes para porta-enxertos, além de 520 plantas de frutíferas diversas. Do total de plantas cítricas, 9.810 estão produzindo ou em início de produção. No ano passado a produção de 14 mil caixas auxiliou na manutenção da instituição.

Servindo os citricultores através de seu laboratório de análise de solos e folhas – do fornecimento de sementes de porta-enxertos à orientação técnica a produtores e visitantes –, a Estação fornece ainda registros de dados meteorológicos e organiza reuniões técnicas sobre temas de interesse da atividade. Desde 1990 realiza seminários para a discussão de tópicos de aplicação direta na produção a cada dois anos.

Com a colaboração da Coopercitrus e do Departamento de Horticultura da Unesp, em Jaboticabal, conduz projeto para produção de mudas de frutíferas com padrão e qualidade controlados, propagadas por métodos que conservam as características de plantas matrizes selecionadas (enxertia, estaquia e alporquia), incentivando os agricultores da região à diversificação de culturas. Esse viveiro é composto de uma área coberta com sombrite, uma câmara de nebulização para enraizamento de estacas, estufa para produção de porta-enxertos, área para manipulação, canteiros para formação das mudas e nova área para manutenção de plantas matrizes.

Espécies frutíferas

São várias as espécies frutíferas propagadas e disponíveis à comercialização na entidade: goiabeira, pessegueiro, ameixeira, coqueiro-anão verde, cajueiro-anão, anonáceas (fruta-de-conde, condessa, graviola e atemóia), camu-camu, lichia, longana, mangueira, abacateiro, acerola, jenipapo, cajá-manga, cajá-mirim, romã, macadâmia, caqui, pomelo, pitomba, pupunha, araçá, araticum, abricó-da-praia, abiu, sapoti, *canistel, mamey*, carambola, biribá e variedades cítricas.

No ano passado foi instalada uma borbulheira telada para a produção de material sadio em relação à CVC, com capacidade potencial de fornecimento anual de 1,5 milhão de borbulhas, em colaboração com produtores e viveiristas. A borbulheira é uma das maiores do país e atende atualmente a parte dos viveiristas da região. O fornecimento de material sadio pode ser feito durante todo o ano pela conservação das borbulhas em câmara fria.

As atividades de pesquisa concentram-se em 10 áreas: propagação, variedades, porta-enxertos, nutrição e adubação, ananicamento, tratos culturais, densidade de plantio, enfermidades, reguladores vegetais e culturas alternativas à citricultura.

Projetos a campo

A Estação mantém 55 projetos a campo, dos quais muitos resultados já foram publicados em 15 anos de atividades. Destacam-se entre os mais importantes a transmissão do declínio por enxertia de raízes; bons resultados de produção e ananicamento de plantas com interenxertos; novas variedades em copas, como a Westin, a lima ácida Tahiti e pomelos premunizados; a introdução e avali-

Luiz Carlos Donádio *é diretor científico da Estação Experimental de Citricultura Bebedouro (EECB) de São Paulo.*

ação de cultivares de seleta, satsuma, clementina e laranjas-de-umbigo; a gessagem e calagem e seus efeitos no solo de pomares cítricos; a adubação líquida, a avaliação de mais de 50 variedades e clones de laranja doce para indústria e a obtenção de bons resultados com variedades introduzidas em comparação com as tradicionais. O projeto é financiado pela Fapesp e Montecitrus

Pesquisa fitossanitária

Nos estudos de CVC, a Estação e o CNPq instalaram uma série de experimentos, com apoio do Fundecitrus e mais recentemente do PADCT, nos quais são estudadas cerca de 300 variedades quanto à possível resistência à doença, dando continuidade a projeto anterior no qual outras 150 variedades tinham sido avaliadas. Destas, todas as laranjas doces mostraram-se suscetíveis. Em projeto mais recente, com apoio do CNPq e Cenargen, a EECB introduziu cerca de 250 variedades da Itália, Espanha, Portugal e França, as quais estão sendo avaliadas em relação à CVC em projetos apoiados pela Fapesp.

No projeto do PADCT, são estudadas as interrelações de tratos culturais com a CVC, tais como controle do mato, estresse hídrico, irrigação e controle fitossanitário. Esse projeto conta com a colaboração do Fundecitrus, Esalq, IAC e Unesp de Jaboticabal.

Publicação trimestral, o *Boletim Citrícola* da EECB aborda temas de interesse dos citricultores do estado e serve para a divulgação dos resultados das pesquisas da Estação. O boletim tem o apoio da Funep.



A EECB REALIZA um intensivo trabalho de extensão, representado por reuniões mensais, dias de campo, cursos e seminários internacionais.

CONSUMO

Muita criatividade

Para conscientizar o consumidor e estimular o crescimento do mercado de suco pronto para beber no país vai ser necessário muita criatividade

José Eugênio de R. Barbosa Sobrinho

As estatísticas e os números sobre o setor ajudam a pensar a atual conjuntura do mercado de suco, sobretudo se levarmos em conta sua representatividade dentro da cadeia. Tomemos como base os percentuais relativos a cada etapa do processo, desde a fruta até a gôndola dos supermercados (veja o gráfico da página seguinte).

O item matéria-prima representa 14% no todo. Qual seria a fatia justa? Sob o prisma do capital investido – terra, máquinas, pomar e o tempo de retorno – certamente o produtor deveria levar uma parte maior. Mas isso depende de fatores como oferta e tendências de demanda, ligados a circunstâncias climáticas.

Ao alcance de todos

O processo industrial, por sua vez, está ao alcance de todos. Compra-se uma fábrica turn-key (pronta para o funcionamento) sem muita dificuldade. Pode-se entrar em contato com multinacionais do setor ou com um bom engenheiro industrial para construir uma fábrica em seis a oito meses. É bom lembrar que, dependendo de sua escala de produção, essa fatia relativa (15%) poderá diminuir substancialmente.

As embalagens oferecem dois caminhos radicais a seguir: ou as cartonadas com tecnologia de ponta, muito seguras em termos de higiene e acondicionamento do líquido, assistência técnica de qualidade, facilidade logística – e um alto custo –, ou embalagens de plástico, mais baratas mas de higiene duvidosa e pouco tempo de prateleira.

Os impostos variam de estado para estado, atingindo em São Paulo a fatia de 21%. Seu efeito se dá em cascata e onera a maior parte da cadeia, pois o seu percentual é inserido em todas as etapas. Precisamos revê-los, se quisermos aumentar nosso mercado interno de suco. Hoje em dia, o governo é um sócio que taxa tudo que é possível, controla ao máximo e é menos eficiente na hora de colaborar. Mas este é um tema polêmico.

José Eugênio de Rezende Barbosa Sobrinho *é diretor-superintendente da Companhia Agrícola Nova América.*